



Diário da Travessia do Pacífico
de
Adam Ewing



Quinta-feira, 7 de novembro ~

Para lá da aldeia indígena, numa praia deserta, deparei com um rasto recente de pegadas humanas. Por entre as algas que apodreciam, cocos e bambus, a pista levou-me até ao seu autor, um homem branco de barba bem cuidada que trazia um barrete enorme em pele de castor e calças arregaçadas, bem como as mangas do seu jaquetão de marinheiro; estava tão absorto no ato de revolver e esquadrinhar a areia cinzenta com uma colher de chá que só deu pela minha presença quando eu o saudei, a menos de dez metros de distância. E foi assim que eu travei conhecimento com o Dr. Henry Goose, médico cuja clientela se situava entre a alta-roda londrina. A sua nacionalidade não foi surpresa para mim. Se existe algum retiro tão desolado, alguma ilha tão remota por onde se possa passar sem se ser confrontado com um inglês, não consta de nenhum mapa que eu conheça.

Dar-se-ia o caso de o médico ter perdido alguma coisa naquela praia tão sombria? Poderia eu de alguma maneira ser-lhe útil? O Dr. Goose abanou a cabeça e desatou as pontas de um xaile cujo conteúdo revelou com indisfarçado orgulho. «Os dentes, *sir*, são o esmaltado objeto da minha demanda. Em tempos recuados esta arcádica praia era o salão de banquetes dos canibais, sim, canibais, onde os mais fortes se empanturravam dos mais fracos. Quanto aos dentes, cuspiam-nos fora como nós fazemos aos carços das cerejas. Mas estes vis molares, *sir*, serão transformados em ouro; e quer saber como? Um artista em Piccadilly que fabrica dentaduras

destinadas à nobreza paga um excelente preço por estas dentolas humanas. Sabe quanto podem valer cem gramas, *sir*?»

Confessei que não sabia.

«E eu não o vou elucidar, *sir*, porque se trata de um segredo profissional!» Deu umas pancadinhas no nariz. «Senhor Ewing, porventura conhece a marquesa Grace de Mayfair? Não? Ainda bem para si, porque ela não passa de um cadáver de saias. Faz agora cinco anos que essa megera conspurcou o meu nome, é verdade!, com insinuações que resultaram na minha exclusão do seio da alta sociedade.» O Dr. Goose contemplava o mar. «Foi nessa altura que começaram as minhas peregrinações.»

Exprimi as minhas condolências pela situação do doutor.

«Agradeço-lhe, *sir*, agradeço-lhe, mas estes pedaços de marfim», e sacudiu o lenço, «vão ser os meus anjos redentores. Permita-me que o elucide. A marquesa usa dentaduras fabricadas pelo artista que mencionei. Na próxima época de Natal, quando essa burra almiscarada presidir em sua casa ao baile das embaixadas, eu, Henry Goose, eu próprio levantar-me-ei para declarar a todos os presentes que a nossa anfitriã mastiga com dentuças de canibal! O filho, Sir Hubert, previsivelmente interpelar-me-á: “Prove essa afirmação”, vociferará o bruto, “ou exijo satisfações!” E eu declararei: “Provas, Sir Hubert? É boa, *eu próprio* colhi os dentes da senhora sua mãe num escarrador dos mares do Sul! Aqui tem, *sir*, mais alguns da mesma proveniência!”, e atiro estas mesmas dentolas para dentro da terrina da sopa. E é assim que eu vou tirar as *minhas* satisfações! Não há espirituoso nem pateta que não belisque a marquesa nas gazetas do costume e na próxima temporada ela terá muita sorte se receber convite para o Baile da Sopa dos Pobres!»

Apressei-me a desejar ao Henry Goose um muito bom dia. Acho que não passa de um lunático.

Sexta-feira, 8 de novembro ~

No estaleiro improvisado por baixo da minha janela continua o trabalho de concerto do mastro do gurupés, sob a direção do Sr.

Sykes. O Sr. Walker, o único taberneiro em Ocean Bay, é também o principal negociante de madeiras e gaba-se de ter sido durante vários anos mestre-construtor de navios em Liverpool. (Já estou suficientemente versado na etiqueta dos antípodas para não pôr em dúvida verdades tão improváveis como esta.) Diz-me o Sr. Sykes que vai ser precisa uma semana inteira para pôr o *Prophetess* à moda de Bristol. Sete dias enfiado no *Musket* parece uma sentença demasiado severa, mas, quando me lembro das investidas daquela tempestade diabólica e dos marinheiros desaparecidos pela borda fora, sinto o presente contratempo como um mal menor.

Cruzei-me esta manhã com o Dr. Goose e tomámos juntos o pequeno-almoço. Ele está hospedado no *Musket* desde meados de outubro, desde que aqui chegou a bordo de um navio mercante brasileiro, o *Namorados*, vindo das ilhas Fiji, onde esteve a praticar as suas artes numa missão. Agora está à espera de um barco australiano de caça às focas, o *Nellie*, que o há de levar até Sydney. Nessa colónia pensa arranjar um lugar de médico de bordo num barco de passageiros até à sua Londres natal.

A minha opinião acerca do Dr. Goose era injusta e prematura. Para ter êxito na minha profissão temos de ter o cinismo de um Diógenes, mas a verdade é que o cinismo pode tornar-nos cegos às virtudes mais subtis. O doutor tem as suas excentricidades e está sempre pronto a relatá-las a troco de uma gota de bagaceira portuguesa (nunca em excesso), mas garanto que é o único outro cavalheiro que existe nesta latitude a leste de Sydney e a oeste de Valparaíso. Penso até em escrever-lhe uma carta de recomendação para os Partridges de Sydney, pois o Dr. Goose e o meu amigo Fred são da mesma profissão.

Impedido pelo mau tempo de fazer o meu passeio matinal, juntei-me a ele a cavaquear em frente da fogueira do carvão de turfa e as horas passaram-se como se fossem minutos. Falei longamente de Tilda & Jackson, bem como da minha apreensão acerca da «febre do ouro» em São Francisco. A nossa conversa viajou desde a minha terra natal até às minhas recentes funções como notário em New South Wales e daí para a Gibbons, Malthus and Godwin, passando pela Leeches & Locomotives. Uma conversa interessante

é um bálsamo que me tem feito muita falta a bordo do *Prophetess* e o doutor é um verdadeiro enciclopedista. Além disso, é possuidor de um belíssimo exército de figuras de xadrez esculpidas e talhadas por marinheiros, que nos ocuparão até à partida do *Prophetess* ou à chegada do *Nellie*.

Sábado, 9 de novembro ~

Nascer do Sol brilhante como um dólar de prata. No meio da baía, a nossa escuna faz triste figura. Uma canoa de guerra indígena está a ser rebocada para a praia. Henry e eu entrámos na «Praia dos Banquetes» na melhor das disposições, saudando jovialmente a criadinha que trabalha para o Sr. Walker. A rapariga, mal-humorada, estava a pendurar roupa a secar num arbusto e fingiu não dar por nós. É algo amulatada e aposto que a mãe não está afastada da raça local.

Ao passar pela aldeia indígena, uma espécie de zumbido despertou a nossa curiosidade e resolvemos averiguar a sua origem. A povoação está confinada por uma cerca tão arruinada que se pode ter acesso por uma dúzia de lugares diferentes. Uma cadela pelada levantou a cabeça, mas não tinha dentes e parecia tão perto da morte que não ladrou. Uma fila exterior de cabanas a que chamam *ponga*, feitas de troncos de árvore, paredes de adobe e tetos de ramos entrançados, prostrava-se à volta dos habitantes dos «poderosos» da terra, estruturas de madeira com lintéis de talha e portadas rudimentares. No centro da aldeia estava a ter lugar uma cerimónia pública de açoitamento. Henry e eu éramos os únicos brancos presentes, mas os indígenas dividiam-se em três castas distintas. O régulo ocupava o seu trono, trajando uma opa de penas, enquanto a nobreza tatuada, homens, mulheres e crianças, que reluziam como castanhas, se agrupava à volta, uns trinta no total. Agachados na lama estavam os escravos, que não passavam de uma quinzena, mais escuros e mais sujos que os patrões. Visivelmente marcados por consecutivos cruzamentos familiares, num torpor bovino, marcados pela varíola e pústulas de *baki-baki*, aqueles des-

graçados assistiam à punição, sem outra reação que não fosse aquele bizarro zumbido de abelhas, que não sabíamos o que significava: empatia ou condenação? O manuseador do chicote era um Golias cujo físico intimidaria qualquer pugilista profissional. Em cada centímetro da musculatura do selvagem estavam tatuados lagartos, grandes e pequenos — aquela pele devia valer um bom preço, mas não seria eu a oferecer-me para lha retirar, nem por todas as pérolas do Oriente! O desgraçado prisioneiro, já encanecido por muitos anos de infortúnio, estava nu, atado a uma armação em forma de A. O corpo estremecia a cada chicotada que o esfolava, as costas eram como um mapa sanguinolento, mas o rosto insensível era o de um mártir sereno já nos braços de Deus.

Confesso que desfaleci a cada golpe do chicote. E então algo de estranho aconteceu. O selvagem martirizado levantou a cabeça, encontrou os *meus* olhos e dirigiu-me um olhar de reconhecimento amistoso, sobrenatural! Como se um ator em plena representação reconhecesse no camarote real um amigo há muito perdido e, a coberto do público, comunicasse o reconhecimento. Um preto todo tatuado aproximou-se de nós e fez brilhar o seu punhal de nefrite para indicar que não éramos bem-vindos. Eu quis informar-me sobre a natureza do crime de que o prisioneiro era culpado. Henry pôs o braço à roda dos meus ombros: «Então, Adam, um homem sensato não se mete entre a fera e o seu pedaço de carne.»

Domingo, 10 de novembro ~

O Sr. Boerhaave lá estava sentado no meio da sua súcia de rufiões, como Lorde Anaconda com as suas fiéis serpentes. As festas do fim de semana tinham começado em baixo antes de eu me levantar. Desci à procura de água para fazer a barba e encontrei a taberna cheia de marujos à espera de vez com as pobres raparigas indígenas que o Walker arrebanhara para um bordel improvisado. (O Rafael não fazia parte daquele grupo de debochados.)

Recuso-me a quebrar o meu jejum de fim de semana numa casa de putas. O Henry partilhava do mesmo sentimento de repulsa e

assim desistimos do pequeno-almoço (tanto mais que a criada estaria sem dúvida ocupada no outro serviço) e partimos de estômago vazio para as nossas devoções na capela.

Não tínhamos andado duzentos metros quando, para minha consternação, me lembrei de que tinha deixado este mesmo diário aberto em cima da mesa do meu quarto do *Musket*, facilmente visível por qualquer marinheiro bêbedo que entrasse por ali adentro. Receoso pela sua segurança (e pela minha própria, se o Sr. Boerhaave lhe deitasse a mão), voltei para trás a fim de o esconder mais habilmente. O meu regresso foi saudado com sorrisos alarves, o que me levou a pensar que era de mim que falavam, mas percebi a verdadeira razão logo que abri a porta do meu quarto, a saber: as nádegas ursinas do Sr. Boerhaave cavalgando a sua Dulcineia cor de alcatrão na *minha* cama *in flagrante delicto*! E porventura esse holandês do diabo me pediu desculpa? Nem por sombras! Achou que era *ele próprio* a parte ofendida e berrou: «Ponha-se lá fora, Sr. Pena de Galo! Ou juro-lhe que lhe vou a essas ventas de ianque velhaco!»

Agarrei no diário e desci precipitadamente até ao andar de baixo, onde reinava um verdadeiro carnaval de troça e gargalhada entre os selvagens brancos ali reunidos. Fiz notar ao Walker que estava a pagar por um quarto privado e que esperava que ele se mantivesse privado mesmo durante a minha ausência, mas aquele malandro limitou-se a oferecer-me um desconto de trinta por cento por um «Galope de um quarto de hora no lombo da égua mais jeitosa do meu estábulo!». Respondi, enojado, que eu era um marido e um pai! e que preferia morrer a rebaixar a minha dignidade e decência com qualquer das suas putas sífilíticas! Walker jurou que me partia a cara se eu chamasse outra vez «putas» às suas ricas filhas! Um daqueles arruaceiros, que não tinha dentes, declarou que, se ter uma mulher e um filho era uma virtude, «Atão, Sr. Ewing, eu cá sou dez vezes mais virtuoso que vossemecê!». Uma mão desconhecida esvaziou uma caneca de cerveja sobre a minha pessoa. Preferi retirar-me, antes que o líquido fosse substituído por algo de mais contundente.

Ouvia-se o sino da capela convocando para o serviço divino os habitantes de Ocean Bay tementes a Deus e eu apressei-me

ao encontro do Henry, tentando esquecer o vil espetáculo a que acabara de assistir nos meus aposentos. A capela rangia como um barco velho e a congregação não era mais numerosa que os dedos das duas mãos, mas nenhum viajante jamais estancou a sede num oásis do deserto com maior gratidão do que o Henry e eu celebráramos as nossas devoções esta manhã. O fundador, um pastor luterano, dorme o sono eterno no cemitério da sua capela há mais de dez invernos e nenhum sucessor idóneo se atreveu ainda a reclamar a chefia do altar. A prática é pois uma mexerufada de credos cristãos. A metade dos assistentes que tinham algumas letras lia passagens da Bíblia e o resto juntava-se num coro para entoar um ou dois hinos escolhidos rotativamente. O organizador deste rebanho plebeu, um tal Sr. D'Arnoq que se encontrava em pé por baixo de um modesto crucifixo, pediu-me encarecidamente que participássemos de modo semelhante. Lembrando-me como me tinha salvo da tempestade da semana passada, escolhi São Lucas, capítulo 8: *E vieram até Ele e acordaram-No dizendo: «Mestre, Mestre, vamos perecer.» E então Ele ergueu-se e repreendeu o vento e as águas revoltas e eles sossegaram e voltou a calmaria.*

O Henry recitou o Salmo Oitavo, numa voz tão sonora como a de um ator consagrado: *Destes-lhe o domínio sobre as obras da Tua criação; pusestes todas as coisas sob os seus pés: carneiros e bois, sim, e todas as alimárias da Terra: as aves do céu e os peixes do mar e tudo o que cruza os caminhos dos oceanos.*

Não houve um organista que tocasse um *Magnificat* senão o vento pela chaminé, nem um coro que cantasse o *Nunc Dimittis* senão o grasnar das gaivotas, mas quero crer que o Criador não ficou descontente. Éramos mais parecidos com os primeiros cristãos da antiga Roma do que com qualquer das Igrejas seguintes, recamadas de mistérios e de pedras preciosas. Seguiu-se uma prece comum. Os paroquianos rezaram *ad lib* pela erradicação da mela das batatas, pela alma de um bebé falecido, pela bênção de um novo barco de pesca e por aí adiante. O Henry agradeceu a hospitalidade dispensada a nós, recém-chegados, pelos cristãos da ilha Chatham. Eu aderi a esse sentimento e rezei por Tilda, Jackson e o meu sogro, durante a minha prolongada ausência.